

## NOSSOS MESTRES

# Respeito à ancestralidade

Professor de Taguatinga perpetua o ensino da história e cultura afro-brasileira em projetos escolares da regional de ensino e ajuda na formação de outros profissionais

» MARIANA NIEDERAUER

O professor André Lúcio Bento, 49 anos, mistura em sua trajetória de mais de 30 anos no ensino público o resgate da ancestralidade, a dedicação e a luta antirracista. Formado em letras pela Universidade de Brasília (UnB), onde também cursou o mestrado e o doutorado na área de linguística, é filho de pioneiros e nasceu em Taguatinga. Hoje, coordena um projeto com foco no ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas da regional de ensino da cidade, para atender à legislação federal e mudar a realidade de milhares de estudantes.

Filho do marceneiro Pedro Bento e da dona de casa Léa Ângela Batista Bento, vem de uma família de seis irmãos. Ele alagoano e ela carioca, se conheceram na recém-inaugurada Brasília. Pedro chegou ainda para a construção da nova capital. No dia em que o filho anunciou que tinha sido aprovado no vestibular para a federal, fez uma revelação emocionante: “As portas de madeira daqueles anfiteatros fui eu que ajudei a colocar”, referindo-se à construção do Instituto Central de Ciências (ICC), também conhecido como Minhocão, no câmpus da Asa Norte da UnB.

“Eles sempre apostaram muito na escola, mesmo nunca tendo estudado formalmente. Jamais faltou material, uniforme, nem nada do que a escola pedia lá em casa”, conta, orgulhoso, o professor. Por ter estudado sempre em escolas públicas da periferia — morou também em Ceilândia e em Brazlândia — percebeu logo cedo o potencial desse lugar de formação. “O fato de eu ter vivido uma infância muito pobre foi suavizado porque eu tinha uma família que me amava muito e uma escola. Isso me fez entender

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O professor André Lúcio Bento com os bonecos que simbolizam os personagens de seu primeiro livro infantil: Tâmara e Tamarindo

que aquela situação socioeconômica só ia mudar por meio da educação. Tudo o que eu penso e sou hoje eu aprendi na escola, e na escola pública”, completa.

Ele também se orgulha de ter no currículo apenas um emprego: o de professor da Secretaria de Educação do DF. André é mais um docente formado na antiga Escola Normal, que preparava estudantes ainda no ensino médio para lecionar. Apesar de o início oficial nas salas de aula ter sido aos 18 anos, em uma escola na zona rural de Brazlândia, desde os 14 o ambiente de ensino lhe era familiar, graças às características do método adotado para

ensinar os normalistas, com estágios para observação. De lá para cá, são mais de 30 anos dedicados à carreira.

A estreia se deu numa turma do primeiro ciclo do ensino fundamental. Além da distância, havia um desafio a mais: tratava-se de uma turma multisseriada. Significa dizer que numa mesma sala havia alunos de 2ª a 4ª séries juntos — o mais velho tinha 17 anos. “Foi um desafio muito grande (hoje, inclusive, é uma coisa inimaginável)”, relembra. “Mas eu sempre tomei os desafios como algo que me motivasse. Nunca pensei em desistir. Sempre achei que minha presença

ali era importante para aquelas crianças, para a família delas. Então, fiz festa junina, promovia jogos com eles, tudo o que uma escola tem de ter. Foi um início muito diferente e inusitado.”

## Conhecimento

Hoje, o professor atua na Regional de Ensino de Taguatinga, onde é coordenador do projeto Taguatinga Plural, preparando professores para atender às exigências da Lei nº 10.639, de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Este ano, 30 escolas

participaram. Cada uma recebe apoio financeiro para a compra do material pedagógico, formação e orientação pedagógica.

“Agora, nós estamos aprendendo a lidar com essas temáticas sem ser de forma estereotipada, equivocada”, celebra. A tarefa de André Lúcio é mostrar o papel dos povos africano e indígena na formação da sociedade brasileira. “Nem tudo o que vivemos e fazemos é herança portuguesa”, destaca. “A própria escravização e o extermínio de povos indígenas leva ao apagamento da história que esse projeto busca resgatar.”

O objetivo final é promover a consciência social dos estudantes